

GAZETA MEDICA

DA BAHIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Anno XV

MAIO, 1884

N. 11

A MORPHÉA NO BRAZIL, ESPECIALMENTE NA PROVINCIA DE S. PAULO; PELO DR. JOSÉ LOURENÇO DE MAGALHÃES, RIO DE JANEIRO.

(Continuação da pagina 363)

O Dr. José Lourenço, como vimos, não admitte que possam produzir a elephantiasse nem o clima, nem as condições telluricas, nem a humidade, nem o contagio, nem a syphilis, nem, por emquanto ao menos, a acção malefica de micro-organismos parasitas; pensa, porém, diversamente pelo que respeita a certos regimens alimentares que, no seu entender, são a causa *unica* do desenvolvimento d'esta molestia no Brazil.

Em apoio da etiologia alimentar, entra o auctor em longa e instructiva serie de reflexões, que têm por base factos numerosos derivados da distribuição geographica da elephantiasse n'este paiz; e a sua maior frequencia em certas localidades coincidente com o uso da carne de porco, do peixe e do milho; e, além d'isso, a composição d'estes artigos de alimentação comparados com outros, quanto aos seus elementos constitutivos.

Fallando em geral sobre a distribuição da molestia no Imperio, nota o auctor estes factos:

1.º No norte ella só existe endemica nos logares do littoral, onde a base da alimentação é o peixe, entrando n'ella, apenas como variedade, a carne de porco.

2.º No sul ella é endemica somente nas localidades onde a base da alimentação é a carne de porco e o milho.

3.º Onde a alimentação é mixta e variada, isto é, onde a carne de porco, peixe e milho se misturam ou alternam com legumes, hortalças, com outras carnes e outros feculentos ou farinaceos, não se observam casos de elephantíase, a não ser um ou outro esporádico.

Estas tres proposições constituem a synthese dos factos parciaes, em relação a cada provincia, fornecidos pelos testemunhos dos collegas ahi residentes, ou pelo conhecimento e observação pessoal do auctor.

E regeitando elle na genese da elephantíase a influencia das causas supra-mencionadas, não hesita em admitir por exclusão, que esses factos não são meras coincidencias fortuitas, e só podem ser explicados pelo regimen alimentar.

O auctor combate as objecções dos pathologistas que dão ao regimen alimentar o simples character da causa predisponente, e dos que o consideram inteiramente extranho á producção da molestia.

Essas objecções, principalmente no que respeita á carne de porco, tambem applicaveis ao regimen ichthyophago, são: 1.ª que onde ella é a base da alimentação a elephantíase deveria ser muito mais frequente do que é; 2.ª que a molestia é encontrada endemica em logares onde se não faz uso daquella carne; e 3.ª finalmente, em relação ao peixe, que em localidades onde elle é consumido em larga escala não se tem visto um só caso de elephantíase.

A' primeira objecção oppõe o Dr. José Lourenço argumentos de analogia, considerando que a carne de porco não actúa á maneira dos virus ou de agentes de infecção, e que mesmo estes não têm acção certa, infallivel sobre todos os individuos expostos a elles, como se observa nas epidemias e endemias.

Quanto á segunda, observa apenas, que ella procederia se a carne de porco fosse a causa unica da molestia, o que nenhum auctor affirma.

A' terceira responde não estar provado ser igual o regimen ichthyophago onde ha e onde não ha a elephantíase, nem que

os habitos dos habitantes d'essas localidades sejam identicos aos das outras, nem que a composição de tantas variedades de peixes seja a mesma; e declara que de facto não é.

O auctor não contesta os factos que servem de base áquellas objecções por elle proprio formuladas; e o modo por que procura interpretal-os parece indicar que os admite. Os argumentos que elle oppõe áquellas tres objecções, cremos que não poderão satisfazer a todos os espiritos, pelo que respeita á interpretação dos referidos factos em favor da sua doutrina da etiologia alimentar.

Com effeito, se é verdade, como elle diz, que nem todos os individuos expostos ás causas de molestias virulentas, infectuosas ou miasmaticas, epidemicas, endemicas ou esporadicas, são accommettidos por ellas, é verdãde tambem, e isto está de accordo com o enunciado da primeira objecção, que onde ha mais virus e mais miasmas é natural esperar que haja maior numero de affectados, e é isto o que a experiencia affirma e confirma em toda a parte.

Se a carne de porco gera a elephantiase, embora não seja a ella só que se attribúa a molestia, cremos que a argumentação do auctor baseada na differença de predisposição ou receptividade individuaes, não invalida a razão em contrario dos que sustentam que em tal caso o numero de elephantiacos deveria ser muito maior do que é nas localidades onde aquella carne é a base da alimentação.

A' objecção correlativa de apparecer a molestia onde a carne de porco não constitue a base do regimen alimentar, não nos parece, tão pouco, satisfactoria a replica de que não é só ella a causa da molestia.

E se o mesmo se pode dizer em relação ao peixe e aos mais alimentos accusados de causar a elephantiase, a etiologia alimentar assenta em bases pouco solidas pelo que respeita a cada um d'elles em particular, uma vez que, para achar em uma determinada localidade a causa da molestia, bastaria procurar o alimento que ahi predomina ou é preferido pelos

habitantes, e chegaríamos ao que de facto se tem verificado, a achar para a mesma doença em diversas regiões do globo, tantas causas quantos os alimentos que predominassem ou tivessem maior consumo em cada uma d'ellas, e não seriam só a carne de porco, diversas especies de peixe, e o milho, mas ainda o pinhão, o arroz, as carnes salgadas, as gorduras, o amendoim, a sapucaia, certos mariscos, algumas fructas, etc. Teríamos assim uma molestia de formas determinadas, sempre as mesmas em todos os tempos e em todos os logares, para a qual collaboram a titulo de causas geradoras os alimentos mais diversos em qualidade e composição.

E se compararmos esta diversidade no pensar de tantos observadores em relação á causa alimentar da elephantíase, com a quasi uniformidade de outros a respeito da etiologia de outras doenças bem caracterizadas, e também attribuidas a alimentos, veremos quam inconsistente é esta etiologia em relação á d'aquella. Ainda ninguem attribuiu a raphania ou ergotismo a outra especie de alimento que não seja o centeio que contenha uma certa quantidade do respectivo esporão ou cravagem. Quasi todos os auctores attribuem a pellagra á ingestão do milho alterado de um modo analogo; o lathyrismo é causado pelo uso de um legume, o *Lathyrus sativus*, etc.

Tratando mais particularmente da objecção adduzida pelos que innocentam a influencia do regimen ichthyophago, dizendo que se elle fosse capaz de produzir a elephantíase, não se explicaria o facto de ella não existir em logares onde o peixe constitue a alimentação quasi exclusiva, o Dr. José Lourenço observa que, para ter valor este argumento, seria mister estabelecer a identidade de condições em todos esses logares; e accrescenta não estar bem averiguada a identidade do regimen ichthyophago em umas e outras localidades onde existe e onde não existe a elephantíase; nem a igualdade dos habitos dos habitantes em umas e outras; nem está estudada a composição de tantas variedades de peixes, mas que, independentemente de

qualquer analyse, se pode affirmar com segurança não ser a mesma em todos.

A estas considerações accrescenta ainda o auctor outras de maior ou menor valor, como sejam a classificação popular dos peixes em *carregados* e não *carregados*, a prohibição de Moysés aos hebreus de comerem certos peixes declarados immundos, as opiniões de alguns auctores sobre a nocividade de certas especies de pescados, algumas das quaes foram accusadas de levar a elephantíase á Europa, e, em relação ao Brazil, o coincidir em diversos logares a ichthyophagia com a presença da molestia (Amazonas, Maranhão, Pará, etc.)

Como se vê, os argumentos para estabelecer a influencia causal do regimen ichthyophago na producção da elephantíase não são mais concludentes do que os adduzidos em favor da mesma influencia de que é accusada a carne de porco. O proprio auctor o reconhece com toda a lealdade a pagina 272, onde declara, que com elementos tão deficientes não pode responder aos que, apesar de tudo, defendem aquelle regimen; e espera que «o enigma desaparecerá quando, estudadas as condições da vida de uns e outros habitantes das localidades em que reina a lepra, e dos das localidades immunes, se souber tambem da composição dos varios peixes.»

O Dr. José Lourenço não se occupa em particular do milho, como fez com a carne de porco e o peixe como capazes de produzirem a molestia, e isto é natural, porque do milho não se faz uso exclusivo; porem menciona-o associado a um ou outro, ou a ambos aquelles artigos de alimentação, como causas cooperadoras da genese da elephantíase. E cita a proposito diversos casos de sua observação. Em um, o doente alimentára-se exclusivamente, por habito, com peixe e camarões durante annos, e além d'isso comia diariamente farinha de milho torrada com banha de porco. Em outro, a doente alimentava-se com cabeça de porco, feijões, peixe e camarões. Duas outras doentes (irmãs) usaram da carne de porco, do peixe e milho torrado com górdura (pipocas) durante annos. Outro

comia exclusivamente piracarú (peixe) e tartarugas gordas. Outros dous doentes attribuiam a sua molestia tambem ao uso e abuso do milho e carne de porco.

Terminando esta resenha declara o auctor que, á excepção de alguns casos que conhece de lepra hereditaria, não encontrou um só elephantíaco que não attribuisse ao regimen alimentar os seus padecimentos.

Pelo que, julga-se authorisado a não descrever da influencia generativa do regimen alimentar exclusivo, ou de carne de porco e milho, ou de peixe, em relação á molestia; antes affirma em proposição que resume o seu pensar, o seguinte: « nós fogões se forjam os elos da cadeia que liga e estreita todos os morpheticos do mundo. »

O auctor entende que nada vale para o caso o não serem identicos os regimens alimentares em toda a parte, nem em todas as classes da ordem social, uma vez que os principios elementares que compõem os alimentos do rico e do pobre são os mesmos. Julga que a questão dos regimens alimentares é simples e de pura forma, e que os resultados nutritivos como os resultados morbidos provenientes de alimentações viciosas, são os mesmos por toda a parte. Os alimentos dos ricos abundam mais em azotos, e os dos pobres mais em hydrocarbonados.

É por isso, diz elle, que a elephantíase, que é a gotta dos pobres, rara vez entrará na casa do rico, salva a condição de herança; e que a gotta, que é a lepra dos ricos, poucas vezes baterá á porta dos pobres. E accrescenta que, trocados os regimens alimentares, nem o pobre será isento da gotta, nem o rico da lepra.

D'aqui se infere, que o auctor attribue a elephantíase não hereditaria, ao uso exclusivo ou immoderado ou predominante dos hydrocarbonados, ao menos pelo que respeita ao Brazil, onde affirma que a molestia não existe nas localidades em que a alimentação é variada e não muito sobrecarregada de principios hydrocarbonados.

E para corroborar a sua opinião sobre esta etiologia, nota

que na composição de todas as substancias alimentares, ás quaes se têm attribuido a molestia, o elemento predominante é o carbono, por serem muito abundantes de gordura. Assim succede com os alimentos animaes de uso commum, e muitas vezes tambem de abuso, o porco e alguns peixes, e entre os vegetaes, o milho e alguns fructos oleosos como o pinhão, o amendoim, etc.

Se bem comprehendemos o pensamento do auctor, é afinal o excesso continuado do carbono em relação aos outros elementos que, independentemente da acção do clima, gera a elephantiase.

Elle tem por de pouca importancia a insufficiencia dos alimentos na producção da molestia, e de muita a monotonia d'elles, isto é, a falta de variedade no seu uso quotidiano; e insiste no facto já citado de ella se manifestar no Brazil em logares do littoral onde a alimentação é quasi exclusivamente composta de peixe, ou no centro, onde se consome em excesso a carne de porco e o milho. Pensa que se a molestia ainda existe em climas frios, é pela grande necessidade de alimentos respiratorios onde é facil abusar d'elles; que nos temperados a hygiene tem modificado os costumes no sentido de evitar esses abusos; mas que nos paizes quentes onde aquella necessidade é menor, qualquer excesso d'aquelles alimentos pode produzir, e effectivamente produz a molestia.

« Temos no Brazil a morphéa, diz elle, e temol-a, não porque o nosso clima a gere, mas porque a geramos nós mesmos, em virtude dos nossos desvios hygienicos, isto é, da infracção das leis naturaes ».

Como vimos, o Dr. José Lourenço responsabilizando certos alimentos pela genese da elephantiase, não mette em linha de conta a insufficiencia, nem a má qualidade, nem a deterioração d'elles, mormente os que servem ao sustento dos pobres, não obstante reconhecer que n'estes a elephantiase substitue a gotta dos ricos. O ponto capital na etiologia alimentar, é a introduccão no organismo de maior somma de carbono do que a

precisa para as necessidades em que o collocam as condições climatologicas que o cercam.

Sobre o modo pelo qual o uso immoderado e diuturno dos hydrocarbonados gera a elephantiase, o auctor não nos dá a conhecer o seu modo de pensar; como hygienista limita-se a estudar as causas, e os meios de removel-as, e deixa de parte as questões de pathogenia; mas, uma vez em tão bom caminho, e levado pelo amor ao estudo, é provavel que algum dia metta os hombros a este difficil problema, e completando a obra já começada, chegue ao conhecimento de qual seja a influencia do excesso de carbono introduzido lentamente, e por longos annos successivos no organismo.

Depois de tão longa e instructiva discussão em que o auctor se esforçou por estabelecer a antiga etiologia alimentar da elephantiase, em relação ao Brazil especialmente, em bases solidas e irrecusaveis, ou pelo menos satisfactorias, deveremos affirmar que elle o conseguiu? Com justiça cremos que se pode responder negativamente. No correr dos argumentos adduzidos para sustentar aquella etiologia, a unica admittida pelo auctor, para a elephantiase não transmittida por herança, surgem a cada passo numerosos pontos de interrogação, e levanta-se a duvida onde procuramos o convencimento. Mas, é tambem justo que o reconheçamos; —os adversarios d'aquella doutrina, por mais que tenham feito, ainda não conseguiram substituil-a por outra que melhor satisfaça o espirito scientifico moderno.

Certamente, affirmar que a elephantiase é produzida pelo abuso da carne de porco, de certos peixes, de certos cereaes ou fructos oleosos em que abunda o carbono, ou por uma *malaria* especial (Wilson) gerada em certas condições de solo e de clima, ou por um parasita que ainda ninguem sabe de onde vem, nem o que faz durante os longos annos do curso da molestia, nem mesmo se existe ligado a outras affecções, ou em individuos apparentemente sãos, não é assentar a questão etiologica tão debatida ha seculos; esta questão continúa aberta ás discussões, sempre cercada de sombras e escolhos, e assim

continuará até que os methodos novissimos de investigação clinica e experimental a venham resolver definitivamente.

Herança.—Ao contrario do que succede com as outras causas da manifestação da elephantiasse, sobre as quaes, como vimos, variam muito as opiniões entre os auctores citados pelo Dr. José Lourenço, quer extrangeiros quer nacionaes, a respeito da transmissão por herança ha quasi um accordo entre elles. Raros são os que a não admittem, e estes mesmos fundam-se em que o facto é ás vezes de difficil demonstração; outros admittem-n'a de modos diversos.

Mas o que é que se transmite, a molestia ou a disposição a ella? Hebra, citado pelo auctor, diz que é a disposição e não a molestia que se transmite por herança, ao contrario do que succede com a syphilis; e que logo depois do nascimento nunca os filhos dos leprosos apresentam a molestia de seus paes. Mas em opposição a esta opinião podemos citar a de Wilson, que affirma ter sido vista a elephantiasse em todas as edades, *desde o nascimento* até á de 77 annos.

Temos conhecimento de uma familia abastada, cuja genealogia pathologica é citada pelo Dr. José Lourenço, (pag. 193), na qual em tres gerações successivas se contavam até 1870 não menos de nove casos de elephantiasse; e hoje ha mais alguns a accrescentar áquelle numero. Este caso importante, que é de nossa observação pessoal, estabelece fóra de toda a duvida a transmissão por herança (*).

Os medicos brasileiros citados pelo Dr. José Lourenço, em numero de 18, admittem todos, e alguns apoiam com factos de sua observação, a hereditariedade da elephantiasse no Brasil.

Terminando esta parte do seu trabalho, o auctor affirma conhecer factos que não deixam a menor duvida ácerca da

(*) Muito interessante ainda a outros respeito, a historia genealogica d'esta familia ainda não foi publicada na sua integra, o que pretendemos realizar brevemente, incluindo os 14 annos decorridos desde 1870.

transmissão hereditaria d'esta molestia; e à vista da concordancia das opiniões dos medicos estrangeiros e nacionaes sobre este assumpto, dispensa-se de proseguir n'elle, dando a materia por discutida.

(Continúa.)

NOVA CONTRIBUIÇÃO PARA A ANATOMIA PATHOLOGICA E HISTOLOGIA DO BERIBERI (KAKKE) (*)

Pelo Dr. B. SCHEUBE

Ha um anno publiquei no *Deutschen Archiv für Klinische Medicin* (1) um desenvolvido trabalho sobre o Kakke japonês ou beriberi, e julgo ter demonstrado que a natureza d'esta molestia exotica especial está n'uma nevrite multipla infectuosa (2).

Em apoio de minha opinião tinha então somente os resultados de tres autopsias, além da apreciação dos symptomas clinicos e das causas pathogenicas.

Era muito de desejar que pudesse confirmal-os por ultteriores e mais numerosas autopsias, tanto mais quanto dois dos tres casos não eram puramente de beriberi, apresentavam complicações.

Havia ainda uma outra lacuna a preencher: os nervos tinham sido examinados em secções de peças endurecidas, não tinha sido feito o exame em preparados com o acido osmico, pelos quaes somente se pode ter uma demonstração clara do processo degenerativo que n'elles se dá.

[*] Traduzido do Virchow's Archiv, 1884.

[1] Vol. 31 e 32.

[2] Observo aqui que o meu collega Dr. Baelz, em Tokio, independentemente de mim, chegou aos mesmos resultados.

Ambos os seus trabalhos [*Zeitschrift f. Klinische Medicin* IV. pag. 616, 1882, e *Mittheilungen der deutschen Gesellschaft für Natur- und Völkerkunde Ostasiens*, 27 Heft, 1882] comquanto apparecessem primeiro impressos, são de data posterior aos meus, porque a publicação d'este ultimo teve de ser demorada